

# 40 anos de memória do Cecor – Centro de Conservação e Restauração De Bens Móveis, Escola de Belas Artes – UFMG. Entrevista com Beatriz Vasconcelos Coelho

*Forty years of memory of Cecor – Center for  
Conservation and Restoration of Cultural Mobile  
Patrimony, School of Fine Arts – UFMG. Inter-  
view with Beatriz Vasconcelos Coelho*

*Cuarenta años de memoria del Cecor – Centro de  
Conservación y Restauración de Bienes Móviles,  
Escuela de Bellas Artes – UFMG. Entrevista a  
Beatriz Vasconcelos Coelho*

Beatriz Ramos de Vasconcelos Coelho

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: [beatrizvcoelho@gmail.com](mailto:beatrizvcoelho@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2958-7872>

Mariana Ribeiro da Silva Tavares

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: [marianatavares167@gmail.com](mailto:marianatavares167@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6326-077X>

## RESUMO:

Professora Emérita da UFMG, Beatriz Coelho é fundadora e ex-diretora do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da EBA/UFMG – Cecor. Idealizadora

---

TAVARES, Mariana Ribeiro da Silva. 40 anos de memória do Cecor – Centro de Conservação e Restauração De Bens Móveis, Escola de Belas Artes – UFMG. Entrevista com Beatriz Vasconcelos Coelho.

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 22, mai-ago. 2021

Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.25227>>

do primeiro Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis em uma Universidade no Brasil. É vice-diretora do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira – Ceib. Nesta entrevista, Beatriz Coelho rememora o processo de criação do Cecor que completou quarenta anos de atividades em 5 de setembro de 2020 e do Curso de Especialização em Restauração. Também discorre sobre as restaurações de obras do patrimônio em Minas Gerais como a pintura de Athaide no forro da nave da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto e da caixa de madeira do órgão da Sé na Catedral de Mariana.

Entrevista realizada em 5 de outubro de 2017 no Cecor, Escola de Belas Artes – UFMG.

Palavras-chave: *Restauração; Cecor; Memória.*

#### ABSTRACT:

meritus teacher of UFMG, Beatriz Coelho is the founder and former director of the Center for Conservation and Restoration of Cultural Mobile Patrimony at EBA / UFMG - Cecor. Creator of the first specialization course in Conservation and Restoration of Cultural Mobile Patrimony in university, in Brazil. She is the director of the Center for Studies of the Brazilian Imaginary – Ceib. In this interview, Beatriz Coelho remembers the process of creating Cecor that celebrates forty years on September 5, 2020 and the first Specialization Course in Restoration. It also discusses the restoration of artistic works from Minas Gerais, such as the painting of the ceiling of the nave of the church of São Francisco de Assis, by Athaide, in Ouro Preto and the wooden box of the organ of the Cathedral in Mariana.

Keywords: *Restoration; Cecor; memory.*

#### RESUMEN:

Profesora emérita de la UFMG, Beatriz Coelho es fundadora y ex directora del Centro de Conservación y Restauración de Bienes Culturales Móviles de la EBA / UFMG - Cecor. Creadora del primer curso de Especialización en Conservación y Restauración de Bienes Móviles en universidad, en Brasil. Es subdirectora del Centro de Estudios del Imaginario Brasileño – Ceib. En esta entrevista, Beatriz Coelho recuerda el proceso de creación de Cecor que cumple cuarenta años en 2020 y del primer curso de Especialización en Restauración. También se analiza la restauración de obras artísticas del patrimonio de Minas Gerais, como la pintura del techo de la nave de la iglesia de São Francisco de Assis, de Athaide, en Ouro Preto y la caja de madera del órgano de la Catedral de Mariana.

Palabras clave: *Restauración; Cecor; memoria.*



Fig. 1 – Beatriz Coelho em entrevista no Cecor, EBA-UFMG, 05.10.2017, Belo Horizonte. Fotografia: Filipe Storck.

**Pergunta:** Quando iniciou sua atuação na Escola de Belas Artes da UFMG?

**Beatriz Coelho:** Eu fiz o Curso de Belas Artes da Escola Guignard de 1964 a 1969 e vim para a Escola de Belas Artes, como professora de gravura, em março de 1972. A nova sede da Escola de Belas Artes no Campus Pampulha foi inaugurada no semestre seguinte.

**P:** Você chegou a frequentar os antigos galpões<sup>1</sup> que sediaram o Curso de Belas Artes quando ele foi transferido em 1963, da Escola de Arquitetura para a Cidade Universitária, no bairro da Pampulha em Belo Horizonte?

**B.C:** Os professores mais antigos do que eu tinham um amor enorme pelos galpões. Porque era uma turma pequena, muito amiga. Eu já não peguei isso. Entrei no último semestre lá. Eu não tinha esse apego àquela Escola, àquela turma. Viemos para a nova sede, a Escola para mim era esta aqui.

---

TAVARES, Mariana Ribeiro da Silva. 40 anos de memória do Cecor – Centro de Conservação e Restauração De Bens Móveis, Escola de Belas Artes – UFMG. Entrevista com Beatriz Vasconcelos Coelho. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 22, mai-ago. 2021 Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.25227>>

Então, essa transição que foi difícil dos galpões antigos para a sede própria da Escola, não foi difícil para mim. Quando mudamos para a nova sede era assim: um semestre tinha 45 alunos, no outro, tinha 30, mais ou menos isso, então aqui, ficou enorme. Não havia ainda o terceiro andar, só tinha os dois primeiros. Ficou enorme para quem habitava essa Escola. Eram poucos alunos, poucos professores. Aos poucos foi crescendo e hoje estamos com uma Escola grande.



Fig. 2 – Pátio central, Escola de Belas Artes, UFMG, ainda com dois andares, 1974.  
Fotógrafo: Ouribes. Arquivo do Departamento de Fotografia e Cinema, EBA-UFMG.

**P:** Você era professora de iniciação à gravura e passou para a restauração. Como você entrou em contato com a restauração?

**B.C:** A professora Yara Tupynambá, que era diretora da Escola de Belas Artes, estava em 1975, nos Estados Unidos para um curso de especialização de quatro meses e eu vice-diretora, fiquei no lugar dela. Então chegou uma carta do Reitor, Professor Eduardo Osório Cizalpino, dizendo o seguinte: haviam sido encontradas treze telas<sup>2</sup> da Escola de Música – Conservatório UFMG que estavam perdidas e que precisavam ser restauradas. Solicitaram que entrássemos em contato com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), para que eles designassem um técnico que orientasse o trabalho e fornecesse também a lista dos materiais necessários para a restauração

---

TAVARES, Mariana Ribeiro da Silva. 40 anos de memória do Cecor – Centro de Conservação e Restauração De Bens Móveis, Escola de Belas Artes – UFMG. Entrevista com Beatriz Vasconcelos Coelho. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 22, mai-ago. 2021 Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.25227>>

das telas. Ele queria que o trabalho também tivesse uma finalidade didática. Então, caiu na minha mão, eu não sabia nada de restauração. Essa carta está no Cecor até hoje. Foi o primeiro trabalho da restauração na Escola de Belas Artes. Essas telas haviam sido pintadas com uma técnica que não se usa há muitos anos, chamada *marouflage*<sup>3</sup>. Neste processo, as telas eram coladas com argamassa na parede. Não eram penduradas, não havia moldura. O professor e restaurador Jair Inácio, que eu não conhecia na época, havia retirado as telas da parede e enrolado em tubos que foram guardados. Esses tubos, com o peso, foram achatando. A certa altura, ninguém sabia onde aquelas pinturas estavam.

**P:** Como as telas foram encontradas?

**B.C:** Ninguém sabia onde estavam durante muitos e muitos anos. E um belo dia, elas foram encontradas num depósito da Prefeitura da Cidade Universitária<sup>4</sup>. O Campus aqui, naquela época, tinha um prefeito para cuidar de trânsito, de planta, de água, luz, esgoto, essas coisas. Então, em 1975, foram encontradas num depósito aqui da prefeitura. Quando eu vi as telas, pareciam telha de amianto. Então, nós abrimos inscrição para alunos e professores acompanharem o trabalho, mas os alunos não se interessaram. Também não sabiam o que era restauração. A restauração das telas ia ficar a cargo do Centro de Extensão da EBA. A professora Tereza Veloso era a chefe de Extensão na época. Muitos professores se interessaram e se inscreveram: eu, os professores Maria do Carmo Vivacqua (Madu), Júlio Espíndola, Jarbas Juarez, Álvaro Apocalypse, Jefferson Lodi, Tereza Veloso e Wilde Lacerda. Aí essa turma começou a trabalhar. Eu chamei uma pessoa, solicitei ao Diretor do Patrimônio, do Iphan, Roberto Lacerda, que era muito meu amigo, que mandasse um restaurador conversar comigo. Roberto mandou o Geraldo Francisco Xavier Filho (mais conhecido como Ládio). Montamos umas pranchas de madeira e espalhamos uma tela em cima e começamos a trabalhar. Eu fiquei deslumbrada porque a tela estava rígida, ondulada como telha de amianto e de repente a gente foi trabalhando e a pintura foi acomodando. Eu adorei, achei uma maravilha: quando eu vi aquela “telha de amianto” começar a ficar plana, a ter flexibilidade, a voltar a ser uma pintura e a ser pendurada na parede, achei um negócio extraordinário.



Fig. 3 – *Pinturas do Conservatório UFMG antes do processo de restauração, 1976.*  
Foto: Ouribes. Arquivo DFTC, EBA-UFMG.



Fig. 4 – *Primeira restauração realizada na EBA-UFMG: Professores Beatriz Coelho e Jarbas Juarez (agachado) acompanham o restaurador do Iphan, Geraldo Francisco Xavier Filho (Ládio) na restauração das telas da Escola de Música - Conservatório UFMG, 1976.* Foto: Ouribes. Arquivo DFTC, EBA-UFMG.

**P:** Quanto tempo levou o processo de restauração das telas da Escola de Música que na época funcionava no antigo Conservatório UFMG<sup>5</sup>, no centro de Belo Horizonte?

**B.C:** O trabalho demorou muito. Eram treze telas, trinta e nove metros quadrados de tela no total. Com o passar do tempo alguns professores foram deixando. Ficamos eu e os professores Jarbas Juarez e Júlio Espíndola. Eu arranjei um lugar com a prefeitura da cidade universitária, atrás da Escola, para realizarmos o trabalho. E a gente foi trabalhando lá. Depois de um certo tempo, os alunos começaram a se interessar e participaram como estagiários e voluntários, porque a gente não tinha nem como pagar. Quando terminamos houve a reinauguração dessas obras no Conservatório UFMG.



Fig. 5 – Beatriz Coelho em fase final da restauração de uma das treze telas do Conservatório UFMG. As telas são de autoria do pintor Dakir Parreiras. Escola de Belas Artes, Belo Horizonte. 1977/78. Foto: Ouribes. Arquivo DFTC, EBA-UFMG.

A partir daquele momento, começaram a chegar peças para restauração na Escola de Belas Artes. A Reitoria mandava para cá. O Antônio Joaquim de Almeida<sup>6</sup>, que era Diretor do Museu do Ouro de Sabará/MG, foi subir numa estante e caíram os livros, caiu imagem e tudo. Resultado: as imagens vieram para cá, para o atelier de Restauração. Eu não sabia por quê. Só fui entender isso uns

---

TAVARES, Mariana Ribeiro da Silva. 40 anos de memória do Cecor – Centro de Conservação e Restauração De Bens Móveis, Escola de Belas Artes – UFMG. Entrevista com Beatriz Vasconcelos Coelho. PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 22, mai-ago. 2021 Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.25227>>

10 anos depois, porque vinham tantas peças para cá. Na verdade, o Iphan daqui de Minas, nunca teve um Laboratório e nem um atelier de Restauração. E não tem até hoje. Como a EBA já tinha um pequeno atelier, as peças vinham para cá.

**P:** Como surgiu a ideia da criação de um Curso de Especialização em Restauração na UFMG?

**B.C:** No atelier, eu perguntava uma coisa e não tinha resposta, ou tinha resposta, que não me satisfazia. Eu achava que precisava aprender mais. Ter um conhecimento maior. Aí comecei a querer organizar um curso e eu, o Álvaro Apocalypse e o Ládio – eu já era diretora da Escola e o Álvaro, Vice-diretor – fizemos um programa, que levei à sede do Iphan no Rio de Janeiro. Eu não conhecia ainda o professor Edson Motta, que era o pai da Restauração no Brasil. Ele era um restaurador bastante famoso e muito competente. Eu havia conversado, primeiro, com o arquiteto Augusto Carlos da Silva Telles que disse que ia olhar, mas nunca deu notícia. Fui conversar, em seguida, com o Doutor Renato Soeiro que era o Presidente do Patrimônio Nacional. Ele me disse: “Vá conversar com Edson Motta, que é a área dele, vá conversar com ele.” Eu liguei, ele me atendeu muito bem e, como era Diretor do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, me recebeu lá. Examinou o programa do curso e disse: “Olha Beatriz, com este programa você não vai formar restaurador, você pode preparar uma pessoa que entenda de Barroco Mineiro, do que eu já discordo, porque eu acho que o Barroco em Minas Gerais é uma coisa, Barroco Mineiro é muita petulância.” E completou: “Vou dar uns nomes pra você e mandar os programas que eu ministro na Escola de Belas Artes, que são duas disciplinas para os alunos de arte, e você vê o que faz.” Essas disciplinas não eram para restaurador, eram para alunos de artes plásticas terem uma informação básica sobre restauração. Levou uns três meses ou quatro, até que um dia, consegui que ele enviasse o programa e ele me passou nomes de pessoas do Brasil inteiro: da Bahia, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e daqui de Minas Gerais que poderiam ser professores do Curso, e isso foi de uma importância fundamental.

**P:** E como foi o contato com esses professores?

**B.C:** Eu escrevi cartas para eles, dizendo que estávamos pretendendo criar um Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Bens Móveis Culturais, e se eles gostariam de participar, se queriam ministrar aulas de acordo com o programa que havíamos montado ou se queriam modificar. Então, todos aceitaram e fizeram as modificações que eles queriam e eu dividi o curso em disciplinas.

**P:** Qual foi o impulso para a criação do Curso de Especialização em Restauração?

**B.C:** Foi uma Portaria Interministerial liberando uma verba grande para o Sudeste, para a parte de Patrimônio – Programa de Cidades Históricas - que contemplava o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Não sei porquê, acho que não incluía o estado de São Paulo, e facilitava a criação de cursos, atelieres, laboratórios e centros de restauração. Eu enviei uma proposta para esse programa e conseguimos aprovação. Nesse tempo, teve uma pessoa que foi muito importante para o Cecor e que pouca gente conhece, que é o Henrique Oswaldo Andrade. É um mineiro, que foi coordenador nacional do Programa de Cidades Históricas, que funcionou, primeiro, para os estados do nordeste e depois, para os do Sudeste, Minas Gerais.

**P:** Qual era a formação dos alunos que se inscreviam para o curso de Especialização em restauração?

**B.C:** Eram alunos que tinham graduação em Arquitetura, Belas Artes, Educação Artística, Química... Para o primeiro curso, em 1978, já teve um químico que se inscreveu. Os alunos tinham uma graduação e vinham para a formação em restauração. Na verdade, o curso oferecia formação básica em Restauração. Naquele tempo, não se falava em Conservação. Em 1978 foi o primeiro Curso de Especialização em Restauração em Universidade do Brasil. No Rio de Janeiro e na Bahia, haviam matérias, mas não cursos. Na Bahia quem dava essas disciplinas era o Prof. João José Rescala, que foi professor aqui, nos primeiros cursos. No Rio de Janeiro, havia os professores Edson Motta e Maria Luiza Salgado. Maria Luiza ministrava aulas de restauração em papel. O professor Edson Motta de papel e pintura. Não ofereciam disciplinas de escultura na época.

**P:** Quais modificações ocorreram no curso de Especialização?

**B.C:** O curso de especialização era de um ano. Então, eu participei de muitos encontros e seminários sobre formação de restauradores promovidos pelas Unesco. Nesses encontros, sobretudo em um que houve em Bogotá, na Colômbia, em 1985, discutia-se que um ano não era suficiente para a formação dos alunos. Os únicos cursos de Especialização em Restauração e Conservação que existiam na América Latina na época, eram no México e Peru, e tinham um ano de duração, e o da UFMG. A ideia era aumentar para dois anos.

Eu voltei para o Brasil com esta ideia e aumentamos o curso para dois anos a partir de 1988. Logo depois, saíram normas do CNPQ e da CAPES, classificando em três níveis os cursos de pós-graduação: a especialização teria bolsa por um ano, o mestrado, por dois e o doutorado, para quatro anos. E nosso curso de especialização ficou com dois anos, mas não era mestrado e não se enquadrava nas normas de pós-graduação para a concessão de bolsas. Todos os nossos alunos tinham bolsa do próprio programa de Cidades Históricas (PCH) e depois, do CNPQ e da CAPES. Tínhamos alunos de todas as partes do Brasil: do Amazonas ao Rio Grande do Sul, da Bahia, de todos os cantos. Porque foi a primeira formação universitária em restauração que passou a existir no país.

**P:** Como surgiu a ideia de criar o bacharelado em Restauração e Conservação de Bens Móveis Culturais?

**B.C:** Como os alunos tinham bolsa e, por isso, vinham de todo o Brasil, se pensou em fazer uma Graduação, bacharelado em Conservação/Restauração de Bens Culturais Móveis que seria um curso maior e os alunos seriam de Minas e sem bolsas. A nossa preocupação – eu fui da comissão, embora já aposentada – era que estávamos acostumados a trabalhar com pessoas formadas que tinham de 25 à 40/45 anos, e muitos já trabalhavam na área. Na graduação, teríamos alunos de 17/18 anos, que muitas vezes, nem sabiam o que queriam devido à quantidade de cursos oferecidos. Mas a surpresa para os professores foi que muita gente que já tinha curso universitário, se candidatou e fez o curso de graduação. Turmas muito interessadas, muita gente boa que está hoje bem aproveitada. Tem gente Chefe do Escritório Técnico do Iphan, em São João Del-Rei, que foi aluno daqui da graduação; a Chefe de Bens Móveis Integrados do IEPHA, foi aluna daqui, tem vários trabalhando lá, que foram alunos daqui.

**P:** Quando se iniciou o bacharelado em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis?

**B.C:** O bacharelado em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis foi implantado em 2008, através do REUNI – Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

**P:** Desde o início também, em paralelo às atividades de ensino, teve a atuação do Cecor como Centro de Restauração e Conservação de Bens Culturais Móveis.

**B.C:** O curso deu origem ao Cecor. O curso veio antes. Funcionava em duas salinhas com um banheiro. O banheiro era banheiro propriamente dito, bem pequenininho e era o nosso Laboratório de ultravioleta também. A gente pôs luz ultravioleta para examinar as peças. Era muito incômodo para tanta gente: 15/16 alunos.

**P:** Como foram as negociações para a construção da sede própria do Cecor no Campus da UFMG?

**B.C:** Vieram os amigos do Doutor Henrique Oswaldo Andrade – coordenador do Programa de Cidades Históricas - nos visitar. Eu disse: “Vocês que são amigos do Dr. Henrique, digam a ele que nós estamos precisando de um espaço. Eu queria fazer um Centro de Restauração, um lugar bom para o curso, que tivesse pesquisa, que tivesse todas atividades de ensino, pesquisa e extensão como se tem na Universidade.” Uns dias depois ele me telefonou: “Que negócio é esse de um Centro de Restauração?” Eu respondi: “Tenho facilidade e arquitetos da UFMG. Poderia ser no 3º andar da Escola de Belas Artes, então, essa parte, a gente podia garantir. Mas falta dinheiro.” Ele respondeu: “Pode tocar o barco que a gente vai ver que apoio a gente dá.” E saiu então o 1º andar do Cecor, com financiamento direto da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, dentro do Programa de Cidades Históricas e da Fundação Pró-memória, tendo sido concluído com Aluísio Magalhães como Secretário de Cultura do Ministério da Educação e Cultura - MEC.

O terceiro andar seria em cima do cinema e o pessoal daqui da construção, da UFMG, queria o seguinte: desocupar toda a área de cinema para poder fazer a construção. Ai dissemos que não podia ser: tinha a moviola, tinha tudo lá, inclusive com as disciplinas de cinema funcionando. Aí eu criei um grupo para acompanhar a turma da arquitetura, do Escritório Técnico, e para ver onde seria feito. Aí foi decidido fazer aqui, em terreno contíguo à Escola de Belas Artes. Começou como um

programa do Conselho Departamental, a Escola não tinha Congregação. Depois, mais ou menos em 1980, a gente fez o projeto, apresentou e foi para o Conselho Universitário. Então o Cecor foi aprovado como  rg o Complementar da Escola de Belas Artes.

**P:** Gostaria que você lembresse de algumas restaura es significativas realizadas no período em que você foi diretora do Cecor.

**B.C:** Do meu tempo, eu citaria, primeiro, os oitenta e seis ex-votos pintados do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas, tombados pelo Patrim nio. Começamos o trabalho quando ainda não existia o Cecor, em 1979. A restaura o durou três anos, até 1981. Todos os ex-votos pintados foram restaurados. Eu tenho até trabalho publicado sobre isso porque estudei cada peç  para uma possível exposição l  em Congonhas... O ex-voto mais antigo é de 1742. O ex-voto foi feito pela dona de um escravo, em pagamento a uma promessa atendida. Depois a gente fez a Caixa do órgão da S  de Mariana. E entre 1985 e 1988, restauramos a pintura do forro da nave, de autoria de Manoel da Costa Athaíde, na igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. Foi uma responsabilidade imensa.

**P:** Como foi o processo de restaura o da caixa do órgão da Catedral de Mariana?

**B.C:** Foram dois anos de trabalho. Quando eu recebi o pedido do Dr. Henrique Oswaldo Andrade para assumir, eu disse: "Dr. Henrique, a maior peç  que eu já peguei tem 1.20m. A caixa do órgão tem sete metros de altura por cinco de largura." Eu tinha sido operada e ainda estava me recuperando! Eu não tinha condições. Ele disse: "Você tem o Cecor". Eu disse: "O Cecor, por enquanto, são só as paredes. Eu não tenho um grupo, eu não tenho pessoal lá." Mas eu acabei assumindo e o trabalho foi feito por um grupo de ex-alunos. Graças a Deus está l  o órgão funcionando.

**P:** Em que condições se encontrava a caixa do órgão da S  de Mariana quando vocês iniciaram o trabalho de restauro?

**B.C:** Quando a gente pegou não tinha nada l  dentro. Os tubos do órgão tinham sido enviados para restauro na Alemanha. O  rg o tombava para o lado direito. Estava cheio de cupim. E como era o órgão por dentro? Não sabíamos. Foi uma dificuldade enorme porque você não sabia o que ia encaixar ali. A gente foi restaurando e teve um músico, um organista que tinha estudado na

Alemanha, falava bem alemão e ele se comunicou com o pessoal que estava fazendo a restauração do órgão na Alemanha. Ele nos tranquilizou: “Vai vir tudo perfeitamente como a gente imaginava. Vindo da Alemanha, né? Tudo bem, na vertical, perfeitamente na vertical.” Todos os tubos do órgão, tudo tinha ido para lá. O órgão inteiro. O som todo tinha ido para a Alemanha. A CEMIG<sup>7</sup> é que financiou a restauração. A caixa foi totalmente desmontada para substituição de peças estruturais. Quando o órgão voltou, graças a Deus, se encaixou tudo lá. Foi aberta pelo Iphan uma parte curva acima do órgão. Como ele estava inclinado e voltou à posição normal, um anjo com uma trombeta no alto, já não caberia. Um dos anjos estava sem um dos braços, como se estivesse amputado, mas, na sacristia da Catedral Sé de Mariana, encontramos uma caixa com várias peças e uma delas era o braço do anjo, que foi recolocado.

**P:** E a restauração da pintura de Athaíde, *A Santa Ceia* no Caraça?

**B.C:** Ah, tem o Caraça. A pintura da Ceia de Athaíde no Santuário do Caraça. Comigo foi a última restauração.

**P:** E para terminar, você foi diretora da Escola de Belas Artes?

**B.C:** Fui diretora da EBA, primeiro como interina, porque a professora Yara Tupynambá renunciou e aí eu fiquei seis meses. Houve eleição, fui nomeada, e assumi em março de 1977 e fiquei até fevereiro de 1981.

**P:** E esse período, de 1977 a 1981, coincide com o início do Cecor?

**B.C:** Eu já era diretora, estava como interina. Em 1976 começou a restauração das pinturas do Conservatório de Música e em 1978, o curso de Especialização em Conservação e Restauração. Em cinco de setembro de 1980 foi a inauguração do prédio do Cecor. Eu tenho as fotos do prédio e tenho também a ata da reunião do Conselho Universitário porque foi no auditório da Escola. Foi combinado com o Reitor, Professor Celso Vasconcelos Pinheiro, fazer a solenidade aqui porque ia ter a entrega de um título, concedido a um Professor de geologia da UFRS. A solenidade foi realizada no auditório, e depois todos vieram para cá, onde teve um coquetel, tendo sido inaugurado o Cecor, em cinco de setembro de 1980.

Nesse prédio, tínhamos: secretaria, sala de aulas teóricas, atelier de pintura e esculturas, atelier de restauração de obras e documentos sobre papel, laboratório de química e estúdio fotográfico. O objetivo era conseguir um grupo de professores, restauradores e funcionários administrativos, para a realização de ensino, pesquisa e extensão.

Em 1987, conseguimos a construção do segundo andar, em convênio com o Ministério da Cultura, sob a direção do Ministro Celso Furtado e que foi inaugurado pelo reitor, Professor Cid Veloso. O Cecor, em 1988, foi aprovado pelo Conselho Universitário como órgão complementar da Escola de Belas Artes.

**P:** Há algo mais que você gostaria de falar sobre a memória e história do Cecor?

**B.C:** Eu acho que eu falei tanto da Escola, para mim, é uma ligação muito grande. Porque passei muitos anos de minha vida aqui: vinte e três como professora, depois ainda no Cecor e depois no Ceib (Centro de Estudos da Imaginária) que funciona aqui embaixo. Então minha ligação com essa escola é muito grande.

**P:** *Obrigado pela entrevista e parabéns por essa importante trajetória.*

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Localizados na entrada do Campus, na Avenida Antônio Carlos, no bairro da Pampulha, em Belo Horizonte/MG, os antigos galpões foram construídos na década de 1950, para a guarda de materiais e equipamentos utilizados na construção da Cidade Universitária.

<sup>2</sup> As telas eram assinadas por Dakir Parreiras (1893–1967), filho do pintor Antônio Parreiras. Após o trabalho de restauração, elas foram restituídas ao Conservatório UFMG e reinstaladas em seu local de origem, as laterais do auditório do Conservatório.

<sup>3</sup> Técnica para fixar uma tela pintada em uma parede para ser usada como mural, usando um adesivo que endurece à medida que seca, como gesso ou cimento.

<sup>4</sup> Atualmente prédio da FUNDEP – Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa.

<sup>5</sup> Em 1926, por iniciativa do professor, maestro e 1º diretor da Escola de Música Francisco Nunes, foi inaugurada a sede do Conservatório UFMG, na Avenida Afonso Pena, 1.534. Durante 70 anos o local sediou a Escola de Música até a transferência da Escola para o Campus Pampulha em 1997.

<sup>6</sup> Nascido em São Paulo (1907-1996), Antônio Joaquim de Almeida foi o idealizador e primeiro diretor do Museu do Ouro de Sabará.

<sup>7</sup> Companhia Energética de Minas Gerais.